



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Uma análise do behaviorismo na educação à luz do humanismo de Carl Rogers

Raisa Grasielle Rodrigues¹, Emmanoel de Almeida Rufino².

¹Faculdade Maurício de Nassau. E-mail: rai_gr@hotmail.com.

²Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba; E-mail: emmanoel.rufino@ifpb.edu.br

Resumo: O presente estudo se debruça criticamente diante do uso do método behaviorista na educação, seja em espaços formais, seja em informais. Tendo em vista a viabilidade do uso de métodos punitivos e reforçadores em processos de formação de comportamento, queremos pensar não só suas consequências no que tange a formação humana, como, principalmente, até que ponto o uso da punição e da recompensa pode ser visto como princípio ideal de educação. Esse é o cerne de nosso estudo. Tal problemática nos desafia primeiramente à reflexão do que é educar (pensando esse tópico a partir do prisma da formação comportamental, típica expressão de sua função civilizatória); em seguida, nos dispõe a examinar os pressupostos teóricos do behaviorismo, focando especialmente Skinner e Watson, expoentes do pressuposto comportamentalista na educação; por fim, nos impele a explorar os fundamentos teóricos da linha humanística (assumindo Carl Rogers como nosso principal interlocutor). Nossa investigação parte, pois, da hipótese de que a formação do comportamento tem que partir da formação do humano, entendendo o “humano” em questão como um ser complexo, indefinível, que não pode ser mensurado em prismas mecanicistas.

Palavras-chave: Behaviorismo, Carl Rogers, Educação, Humanismo.

INTRODUÇÃO

Diante de um aumento gradual no uso do método behaviorista no cotidiano, seja nos espaços formais ou informais, vemos despontar o fortalecimento gradual de uma corrente de métodos punitivos e reforçadores e um enfraquecimento gradual de outras formas indispensáveis para a formação do comportamento humano. Na esteira dessa realidade que vem crescendo, uma perspectiva mecanicista acaba sendo aceita e aplicada. Nesse sentido, inquieta-nos buscar entender as consequências existentes e futuras diante dessa realidade; no entanto, também nutrimos uma preocupação em analisar a importância dos métodos comportamentalistas e seus efeitos considerados positivos e negativos para a formação do ser. Em meio às inquietações supracitadas, o estudo que agora promovemos se referencia a partir da seguinte problemática: até que ponto o uso da punição e da recompensa pode ser visto com princípio ideal de educação?

A hipótese que guia nosso estudo é de que a formação do comportamento tem que partir da formação do humano, entendendo o “humano” em questão como aquele que não pode ser definido, delimitado, dualizado em mente-corpo ou classificações do gênero. Sabemos que o comportamento imposto também leva à formação do humano, mas quando pensamos essa formação tocamos na perspectiva do



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

humanismo, que, por sua vez, concebe o ser humano em sua complexidade, não como um ser mecânico que repete o que se lhe impõe e que vê anulando seus sentimentos, sua subjetividade criadora e todas as demais dimensões que tocam sua polissemia.

Na esteira desse caminho hipotético, para tocarmos no tema do comportamento, nosso estudo assume a perspectiva do behaviorismo (por ser essa uma corrente representativa na psicologia sobre tal assunto), dispondo essa abordagem à luz da crítica do humanismo pensado sobre as perspectivas supracitadas acerca da complexidade humana. Diante do exposto, o objetivo maior do nosso trabalho é compreender até que ponto é viável fazer uso desse método punitivo e recompensador (o behaviorismo) como base de uma educação.

Para alcançarmos esse objetivo, guiaremos nosso estudo por três etapas: Primeiramente analisaremos o conceito de educação como expressão da necessidade civilizatória de formar comportamentos; em seguida, adentraremos nas principais ideias lançadas por Watson e Skinner a fim de compreendermos os pressupostos teóricos do behaviorismo; por fim, exploraremos os fundamentos teóricos da linha humanística (assumindo Carl Rogers como nosso principal interlocutor), abrindo margem para nossa conclusão, onde interseccionaremos essas correntes teóricas pensando-as à luz da educação.

Por fim, destacamos que nosso trabalho é potencialmente contributivo socialmente, porque toca em problemas cruciais da educação. Promovemos uma análise que visa pensar uma educação mais eficaz, para que os sujeitos entendem a importância da liberdade e da internalização da aprendizagem (Cf. ROGERS, 2010, p. 31), podendo pensar em uma cultura futura com uma base educacional mais humanizada.

METODOLOGIA

Este estudo se assume como resultado de uma pesquisa de tipologia teórica de abordagem bibliográfica. Acompanhando os imperativos dos escopos específicos que delimitamos, organizamos as estratégias metodológicas de nossa abordagem da seguinte maneira: nossos apontamentos sobre o(s) significado(s) da educação partem de nossa leitura de Carlos Rodrigues Brandão (1984). Já quando analisamos o pensamento behaviorista partimos do referencial de Skinner e Watson, expoentes dessa corrente da psicologia; a esse respeito, faremos uso da obra (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1999). Para relacionarmos humanismo e educação, pensando-o esse processo reflexivo à luz dos apontamentos



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

anteriormente sublinhados a respeito do behaviorismo, assumimos como referências as obras de Carl Rogers (1986, 2010).

Por fim, destacamos que esta pesquisa se encontra em andamento, de modo que todos os resultados aqui apresentados são ainda parciais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

1. A educação como expressão da necessidade civilizatória de formar comportamentos

Tornar comum um saber, uma ideia, uma crença, seja como bem, como trabalho, como vida pode ser algo visto como “educação”, sendo uma das maneiras criado pelas pessoas de tornar comum um ideal de agir, de pensar, etc. Ora, como bem nos lembra Brandão (1988, p. 10), “a educação pode ser atribuída por um sistema centralizado de poder, que usa o saber de controle que-usa o saber e o controle sobre o saber como armas que reforçam a desigualdade entre os homens, na divisão dos bens, do trabalho, dos direitos e dos símbolos”.

No processo de educar ocorre de diversas formas vivas e comunitárias de ensinar e de aprender, podendo ser tanto formal, quanto informal, ocorrendo de forma unida ao contorno da identidade, da ideologia e do modo de vida de um grupo social; porém, nessa forma de educar existe também o ponto de vista pessoal, no qual absorvemos aquilo que somos, fazemos e amamos. Brandão atribui vários nomes para esse processo global que tudo envolve e torna comum, mais conhecido como socialização. Para ele,

através dela, ao longo da vida, cada um de nós passa por etapas sucessivas de inculcação de tipos de categorias gerais, parciais ou especializadas de saber e habilidade (1988, p. 23)

Nas antigas tribos indígenas, o caminho para ocorrer ao processo de educação dependia exclusivamente dos “pais”; contudo, no decorrer dos anos, com crescimento do mundo, surgiu a necessidade de uma instituição específica que se responsabilizasse por uma educação padrão para todos: eis que surge, então, o espaço formal, a escola.

No espaço formal da educação abrange tudo o que aprendemos dentro da sala de aula. Há nele um modelo formal de educar que define regras e padrões de comportamento, definindo os conteúdos válidos à comunicação escolar a partir do que se absorve das relações informais, ou seja, do que o grupo social definir culturalmente como um saber que deve ser transmitido para todos, o comportamento que deve ser



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

universalizado. Assim, a escola se torna responsável por captar todo o conteúdo cultural socialmente produzido e transmitir para os mais jovens.

Na teoria, a escola apenas reproduz os comportamentos que a sociedade define; só que como a escola se tornou uma instituição ordinária da educação, ao menos nas sociedades ocidentais modernas, ela acaba sendo referencial de educação para as famílias, de modo que temos uma mão dupla, em que os dois polos se influenciam: a educação formal influencia as relações informais e vice-versa.

Dentro de todo contexto social e coletivo ocorre o processo de obtenção particular de saber, crença-e-hábito de uma cultura que funciona sobre educandos como uma situação pedagógica que podemos chamar de enculturação. A enculturação é uma dinâmica social que diz respeito à aprendizagem – de maneira mais ou menos intencional, e para alguns mais ou menos conscientes – através de um contato direto do corpo, da mente e da afetividade, considerando as afinidades formadas entre a natureza e os demais seres humanos, ou seja, todo conhecimento/aprendizagem adquirido pelo meio em que se está inserido (BRANDÃO, 1988, p. 23).

Diante de tudo o que foi dito, acreditamos que não se deve restringir a educação como sendo a única forma específica de educar, como também não se deve dizer que o professor é o único indivíduo digno de ser visto como educador. Tendo em vista que a educação é um meio de educação endoculturativo, pode-se dizer então, que ela ocorrerá sempre que houver relações entre pessoas com intenções de ensinar e de aprender. Ora:

os que sabem: fazem, ensinam, vigiam, incentivam, demonstram corrigem punem e premiam. Os que não sabem espiam na Vida que há no cotidiano, o saber que ali existe, veem fazer e imitam, são instruídos com o exemplo, incentivados, treinados corrigidos, punidos, premiados e, enfim, aos poucos aceitos entre os que sabem fazer e ensinar (BRANDÃO, 1988, p 20).

2. Educação do comportamento segundo o Behaviorismo

Quando falamos em Behaviorismo, estamos tratando especialmente de comportamentos, como sugere a tradução em inglês para o termo “behavior”. Também conhecido como comportamentalismo ou teoria comportamental, o behaviorismo foi inaugurado pelo americano John B. Watson, que postulava colocar o comportamento como objeto da psicologia, dentro das exigências científicas da matriz cartesiana.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

As ideias de Watson partem da necessidade que sente pela busca de objetos observáveis e mensuráveis, que possam ser reproduzidos em diversos sujeitos e em diversas condições. Assim, fixa seus estudos do comportamento na relação que o sujeito mantém com o meio ambiente onde está inserido; porém, pelo fato do comportamento e do meio serem amplos demais para uma análise descritiva, surgiu a necessidade de algo mais preciso e eficaz.

Mais a frente, a teoria de estímulo e resposta criada por Skinner começa a ganhar espaço entre os psicólogos americanos. Ele é considerado uma figura influente entre os behavioristas. Outro detalhe importante diz respeito ao fato de que a teoria skinneriana ficou conhecida como análise experimental do comportamento, cujo foco se dá pelo condicionamento operante que resulta a aprendizagem do comportamento e a ação do organismo sobre o meio, cujo objetivo é atender-lhe alguma necessidade, ou seja, a relação que se constitui entre uma ação e seu efeito.

O estímulo operante é representado por R (resposta) e por S (estímulo reforçador) o estímulo reforçador é chamado de reforço por ter o papel de reforçar a ação mantendo o estímulo por ser responsável pela ação. O reforço pode ser positivo ou negativo, na qual o positivo tem intuito de fortalecer o comportamento e o negativo fortalece a resposta que o remove.

Não se contentando com isso, Skinner foi mais além ainda na construção de sua teoria, ao afirmar que da mesma forma que podemos instalar um comportamento num sujeito também podemos descondicionar uma resposta, trabalhando no processo de eliminar um comportamento indesejado nomeando de extinção em que anulação de um comportamento se estende através da punição. Podemos citar dois tipos de processos punitivos: o primeiro é a punição positiva cujo intuito é adicionar um estímulo aversivo no ambiente que interrompa imediatamente o comportamento inadequado, por exemplo, quando o filho não quer obedecer e leva a famosa palmada. O segundo é a punição negativa e a diferença – em relação ao primeiro – é que nessa forma de punir, ocorre a extinção de um estímulo reforçador como punição a um comportamento inadequado (um exemplo disso é retirar o celular do filho por ele ter agredido o coleguinha da escola).

O Behaviorismo radical que surgiu na década de 40 era visto como condição de se compreender o comportamento do homem, entendendo que as causas internas mentais para compreender ou explicar o comportamento humano deveriam ser anuladas, até porque Skinner defendia que o homem era um ser homogêneo e porque não acreditava na constituição humana como junção de corpo e mente.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

A aprendizagem para Skinner é, portanto, resultado de condicionamento operante, considerando que um comportamento é premiado, reforçado, até que ele seja condicionado de tal forma que ao retirar o reforço, o comportamento continue a acontecer, tendo em vista a extinção de qualquer consideração sobre pensamentos, sentimentos, intenções apenas se preocupando exclusivamente com causas completamente externas à mente e passivas a observações.

3. Humanismo e educação

Desde que o ser humano passa a compreender-se minimamente como um ser existencial ele tende a buscar saberes que lhe façam conhecer mais sobre o mundo que lhe circunda. Saber e conhecer fazem parte da vontade humana de progredir na busca pelo conhecimento que tornam criativas – e dão sentido a – nossas experiências e vivências.

Nos últimos tempos as pessoas vêm sendo educadas para se manterem preparadas para as diversas transformações da nossa era. Um exemplo disso são as muitas empresas oferecendo cursos profissionalizantes e treinamentos para aprimorar o profissional, mas quase nunca se preocupam com afeições humanas de quem aprende e de quem ensina (o que é muitas vezes visto como algo irrelevante). Muitos não compreendem que educar o ser humano para ser máquina é torná-lo um sujeito que se reduz a trabalhos repetitivos, mecânicos, como também a alguém cujas necessidades são restringidas ao fisiológico; no entanto é preciso voltar o olhar para uma educação que faça o sujeito encontrar um propósito de vida e não deixe sua condição humana ser limitada, como que ele fosse apenas um ser que olha, obedece, aprende e (re)produz.

A proposta educativa humanizada de Rogers era um humanismo baseado nas seguintes ideias: a ênfase na experiência consciente; a crença na integralidade da natureza e da conduta do ser humano; a concentração no livre-arbítrio e na espontaneidade e no poder de criação do indivíduo; e o estudo de tudo que possa ter relevância para a condição humana.

O homem para Rogers era visto como uma totalidade, um organismo em processo de integração, considerando de suma importância os sentimentos e a experiência como papel crucial para fator de crescimento, havendo em cada indivíduo uma construção autônoma e interna que lhe permite dar significado a algo e fazer opções (Cf. ROGERS, 2010, p. 37). Para Rogers, o mundo existe a partir da percepção do homem que recebe os estímulos e lhes atribui significado. Para ele, cada sujeito constrói de forma subjetiva seus significados e assim faz suas escolhas. A visão da realidade e do ambiente que o



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

sujeito ocupa é desenvolvida na medida em que ele faz experiências. Nesse sentido, é preciso que haja um olhar sobre o homem de capacidades, permitindo-lhe a liberdade de ir à procura e de criar, já que

ensinar é ainda mais difícil do que aprender (...) e por que assim é? Não porque o professor tem de possuir um estoque mais amplo de informações, e tê-lo sempre à mão. Ensinar é mais difícil do que aprender, porque o que o ensino exige é o seguinte: deixar aprender. O verdadeiro professor, em verdade, não deixa que nada mais seja aprendido, a não ser a aprendizagem (HEIDEGGER *apud* ROGERS, 2010, p. 34).

CONCLUSÃO

Em nossa era, tudo acontece de modo acelerado e é voltado para o “aqui e agora”. Quando pensamos a educação à luz do behaviorismo e do humanismo, percebemos o erro de se fazer uso da punição como forma de “educar”, já que, para nós, punir significa promover uma ação com foco de solucionar um problema de forma rápida e precisa, interrompendo de forma imediata um comportamento inadequado.

No dia-a-dia, é comum nos depararmos com cenas de pais recorrendo a palmadas (com o intuito de parar uma criança que chora) ou a gritos, como também nos depararmos com pessoas no trânsito que muitas vezes só não quebram as regras por saberem que serão multados, apreendidos, ou seja, por saberem que serão punidos. Não desconsideramos, contudo, a eficácia imediata do uso da punição, seja ela positiva ou negativa, e compreendemos que por muitas vezes esse método tem sua importância para equilibrar/limitar uma criança ou um adulto. Apesar de atestarmos a eficácia desses processos, é preciso, no entanto, voltar nossas atenções às futuras consequências de todo ato de punição e recompensa. Devemos entender até que ponto é possível educar uma pessoa ou um grupo partindo sempre do pressuposto de que serão punidos se não agirem corretamente, ou que serão recompensados por serem corretos.

Não se pode anular a eficácia de alguns agentes punitivos na educação para a convivência social, como nos atesta o exemplo das leis, das normas existentes; contudo, ao mesmo tempo, que se faz necessário o uso delas, também é preciso entender as razões pelas quais muitas as quebram.

Mesmo entendendo que por vezes em alguns momentos será inevitável não fazer o uso de algo para que a criança entenda que precisa haver equilíbrio, é de suma importância que esses meios não ocupem em hipótese alguma o lugar do



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

diálogo: a criança precisa entender claramente porque ela está sendo punida. Cremos que a educação não pode ter a punição ou a recompensa como base primaz de suas estratégias formativas, até porque a base tende a desmoronar por não ter sido implantada de forma correta. Em outras palavras, faz-se necessário se ater ao fato de que o princípio causador do problema vai continuar mesmo quando o agente punidor (mãe, pai ou responsável, etc.) não estiver presente; sendo assim, o método utilizado não consegue modificar de forma completa o comportamento problema, mas sim a condução para uma situação onde o agente punidor não está presente. Diante disso o sujeito entende o que não deve fazer, porém, o meio do uso da punição não abre margem para que o sujeito aprenda – interiorizando livremente – o que deve ser feito.

Grande expoente do behaviorismo, John Watson dizia o seguinte sobre a eficácia de uma educação comportamentalista:

dê-me uma dúzia de crianças saudáveis, bem formadas, e meu próprio mundo especificado para criá-las e eu vou garantir tomar qualquer uma ao acaso e treiná-la para se transformar em qualquer tipo de especialista que eu selecione – advogado, médico, artista, comerciante-chefe, e, sim, mesmo mendigo e ladrão, independentemente dos seus talentos, inclinações, tendências, habilidades, vocações e raça de seus antepassados (WATSON, 1930).

Tratar o ser humano partindo dessa visão mecânica implica anular a sua subjetividade, a liberdade de escolha e a capacidade de criação do mesmo, impedindo que ele vá ao encontro de si mesmo. Uma vez que o sujeito é submetido a esse modo mecânico de educação, se lhe é impedido uma internalização dificultando que o mesmo aja de forma correta, independentemente do ambiente em que ele se encontre.

É perfeitamente compreensível que com o behaviorismo radical, Skinner tenha se tornado referência para muitos, até porque respostas e soluções rápidas são muito atrativas para uma cultura dinâmica e acostumada ao automatismo. Educar leva tempo e tempo nos dias atuais é algo precioso, principalmente àqueles que precisam sair cedo de casa em busca de sua subsistência básica, dentre tantas outras variáveis que contribuem para o afrouxamento do uso prático do diálogo como forma de educar.

Uma vez que se mecaniza o ser humano, não é possível pensar na construção de um ser ético, porque tal construção demanda a liberdade. Sendo assim não há meios ideais de ter uma boa educação sem ética, ela só passará a existir quando a liberdade de escolha do outro não for anulada, uma vez que a ação correta tem que partir da moralidade do próprio sujeito formada durante seu processo de aprendizagem,



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

adquirida, por sua vez, pelo sentimento, pelas intenções, pela experiência com meio etc. Essa perspectiva se alinha ao pensamento rogeriano, para quem o ser humano é visto como uma totalidade (Cf. 1986, p. 76), como um organismo em processo de integração, considerando todos os aspectos supracitados como cruciais para o auto-crescimento subjetivo, por haver em cada indivíduo uma construção autônoma e interna que lhe permite significar e fazer escolhas.

REFERÊNCIAS

BOCK, Ana Mercês Bahia.; FURTADO, Odair.; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. São Paulo: Editora Saraiva, 1999.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação**. 11. Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

ROGERS, Carl R. **Sobre o Poder Pessoal**. Tradução de William Alves Penteado. Revisão de Estela dos Santos Abreu. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1986 (Série Psicologia e Pedagogia).

ZIMRING, Fred. **Carl Rogers**. Tradução e organização de Marco Antônio Lorieri. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. (Coleção Educadores).